

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

101

INSCRIÇÕES 448-450



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2012

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO FUNERÁRIA  
DE ARRUDA DOS VINHOS  
(*Conventus Scallabitanus*)

Fragmento irregular de inscrição funerária romana, de calcarenito de grão fino, com forte pátina acastanhada, encontrada em contexto de obra, frente ao número 6 da Rua do Adro, uns metros mais à frente do ponto onde se procedeu a escavações arqueológicas junto à igreja matriz de Arruda dos Vinhos. Encontrava-se num camada de terra castanha com materiais de época moderna e contemporânea, que serviu de regularização ao calçetamento da rua durante os finais do século XIX ou inícios do XX, a cerca de 20-40 cm de profundidade, sobre o subsolo de margas local. Durante a escavação na área de necrópole dos séculos XV/XVI, recolheram-se fragmentos de cerâmicas romanas, que datam a ocupação do sítio desde a época republicana aos finais do Império Romano, sendo especialmente relevante um pequeno conjunto de materiais datáveis dos principados de Augusto e Tibério.<sup>1</sup>

A epígrafe original foi partida para reutilização, de modo que não pode garantir-se que tenha sido placa ou ara, ainda que, à primeira vista, a cavidade superior sita a meio de uma espécie de almofada já muito gasta – sugerindo, inclusive, a

---

<sup>1</sup> Informações que agradeço a Guilherme Cardoso, assim como a gentileza de me haver confiado este estudo.

existência de eventual *tabula ansata* do lado esquerdo – pudesse indiciar a presença de um fóculo; é mais provável, porém, que tenha sido apoio de um gonzo de porta. Do mesmo modo, os três sulcos quase paralelos visíveis do lado esquerdo apenas nos garantem que teremos aí a face lateral original e não restos de uma qualquer molduração; contudo, a espessura actual inclina-nos para a caracterizarmos como ara.

Não nos é possível garantir a extensão da inscrição nem para o lado direito nem para baixo; contudo, tendo em atenção que o nome – como adiante se dirá – será da categoria dos nomes únicos, consideramos que temos a face lateral esquerda original, podendo a inscrição alargar-se para a direita, como temos a certeza de que teria mais linhas, de cuja segunda resta a parte superior das letras.

Dimensões: (9,5) x (26) x 24,7.

Campo epigráfico: (8,5) x (20).

VALVTIVS / [...] [FIL]IO [?] PIE[NTISSIMO] [?]

Valúcio... ao filho modelo de piedade (?).

Altura das letras: 3. Espaços: 1: 1; 2: 3.

Ainda que não visíveis, sente-se a presença prévia de linhas de pauta, mormente devido aos traços que ‘sublinham’ os vértices das letras e à regularidade da paginação; a face inscrita foi cuidadosamente alisada. A segunda barra do A é resultante de rasgo posterior; o ponto entre o V e T pode ser original, como que a separar os dois ‘incisos’ morfológicos em que a palavra se compõe. Caracteres gravados com badame, seguindo um minuta desenhada na superfície à mão levantada, sem recurso a régua, o que lhes imprime alguma cursividade (note-se a barra do L ligeiramente oblíqua).

No final da l. 1, há o vértice inferior do S. Na l. 2, a reconstituição proposta, ainda que dubitativamente, fundamenta-se no facto de nos parecer ver a parte superior de um I: o O, circular, reconstitui-se sem dificuldade, havendo também aqui um sulco provocado pelos maus tratos que a pedra sofreu. Segue-se um espaço (quicá teria um ponto de separação) e o pouco que resta de três das letras seguintes (mais um golpe houve

antes do P) autoriza-nos a propor a reconstituição sugerida, ainda que outra possa ser, verosimilmente com mais probabilidade, pois se a epígrafe, como a paleografia aponta, é datável do século I, a expressão *filio pientissimo* não seria ainda muito corrente.

Sendo nome de que, a princípio, apenas se conheciam registos na Península Ibérica, começou por ser incluído no rol dos nomes de cariz pré-romano. Assim, María Lourdes Albertos<sup>2</sup> cita a ocorrência de *Valutio* em Piñeiro de Tribes, de leitura incerta, e relaciona *Valutius* com *Valucius*, documentado na Dácia (CIL III 8077) e *Valuco*, marca de oleiro registada na Gália e na Germânia. Não descarta ainda eventual relacionamento com *Valodus*, documentado em Sacamón (CIL II 5812). Atribui a todos estes antropónimos a possibilidade de o seu radical se basear no indo-europeu \*ual-, com o significado de «ser forte», como aliás, se observa na forma verbal latina *valere*, «ser forte», «passar bem». Cita outros testemunhos, do galês, do bretão antigo, susceptíveis de confirmarem essa hipótese, acrescentando, mais adiante (p. 290) que pode incluir-se nos nomes que apresentam um sufixo «con -t-».

O achado, sem margem para dúvidas de leitura, do patronímico *Valuti* na aldeia do Baraçal (Sabugal),<sup>3</sup> veio confirmar a existência do antropónimo e, de certo modo, por se encontrar em contexto onomástico indígena (é o pai de um *Caturo*), assentou-se na sua característica pré-romana.<sup>4</sup>

Sucedee, porém, que o nome não é, de facto, exclusivo da Península Ibérica: Schulze refere-o no seu livro, atribuindo-lhe, claro, uma origem etrusca, como foi seu hábito;<sup>5</sup> mas o importante é saber que, como *nomen*, se atesta em Roma: numa *tabella columbarii in aedibus Merolli*, está escrito apenas VALVTIA /

---

<sup>2</sup> ALBERTOS FIRMAT (María Lourdes), *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense e Bética*, Salamanca, 1966, p. 242.

<sup>3</sup> CURADO (Fernando), «Epigrafia das Beiras», *Conimbriga* 18 1979 141-142 (= AE 1979, 328; registo n.º 20364 em <http://eda-bea.es>).

<sup>4</sup> Em AE 1983 581 = CIL II 2388, chegou a sugerir-se a leitura *Valut(ius)*, gentílico de um *Paullus*, dedicante de uma epígrafe a I. O. M.; contudo, as dificuldades de leitura são grandes e outras possibilidades haverá, como o próprio editor de AE indica.

<sup>5</sup> SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen* (Berlim, 1966), p. 279. Refere o antropónimo também nas p. 376 e 384.

HYMNIS (CIL VI 28 315). E em Capena – no prédio do príncipe Borghesi, junto a Castelnuovo – encontrou-se o epitáfio de *L. Valutius Rufus*, filho bastardo, mandado lavrar pela sua liberta *Suavis*, depois de decisão judicial e por disposição testamentária. Pelo *cognomen*, a *Valutia* romana foi seguramente uma liberta; quanto a Rufus, a sua condição expressa de filho bastardo, em vez de jogar a seu desfavor, pode significar que usufrui de estatuto tal que permite aos seus familiares não a ocultarem, ainda que não tenha, de momento, elementos para saber se os investigadores têm interpretado ANI que se lê na segunda linha, como eventual nome do pai (*Annius*).

No caso de Arruda, desconhecemos se estamos perante um nome único – nesse caso um *nomen* usado em vez de *cognomen* – ou se o defunto (pensamos que se trata de epígrafe funerária) apenas assim se designou. Em todo o caso, revela – como, de resto, os achados arqueológicos o confirmam – uma onomástica bem latina, a indiciar estarmos em presença de um colono itálico.

Pela paleografia e pela cronologia dos materiais que acompanhavam este fragmento epigrafado, optaríamos por o datar da primeira metade do século I d. C.<sup>6</sup>

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

---

<sup>6</sup> Não poderia deixar de sugerir um estudo sociológico relativamente ao uso actual deste vocábulo, porque poderá radicar em algo para nós, de momento, desconhecido, que se tenha passado quer na época romana quer nalguma tradição antiga. É que *valutius* parece identificar, na linguagem corrente dos nossos dias (a nível internacional), alguém dotado de ‘força’ (cá está a base do radical atrás mencionado); e detecta-se no falar de certas camadas sociais o uso da palavra com o significado de ‘dinheiro’, como se deduzirá desta mensagem patente na Internet, datada de 15-08-2009: «Estou aqui para me desfazer de um char em silvera pois preciso de valutius».



449